


## Discutindo a literatura como ferramenta de produção do conhecimento

Eliane Costa Silva <sup>1</sup> 

Universidade Estadual de Goiás, UEG

Eliza Alves Landin <sup>2</sup> 

Universidade Estadual de Goiás, UEG

Tarsio Paula dos Santos <sup>3</sup> 

Universidade Estadual de Goiás, UEG

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir a respeito da literatura como meio de produção de conhecimento, tendo em vista o aprofundamento de saberes atemporais, que torna o ser humano mais consciente e crítico. Dessa forma, essa pesquisa classifica-se em bibliográfica, qualitativa, pautando-se teoricamente nos estudos de Candido (1999; 2006; 2011), Laville e Dionne (1999), Marconi e Lakatos (2003), Compagnon (2009), Lopes (2010), Cadermatori (2012) e outros. A pesquisa divide-se em três partes principais, sendo que a primeira se conceituou conhecimento e seus tipos apresentados em Marconi e Lakatos (2003). Na segunda parte, apresentou-se reflexões acerca de literatura dentro do campo artístico e na construção do saber e por fim, na terceira parte, apresentou-se a literatura como ferramenta capaz de produzir conhecimento. Foi possível perceber que, por meio da literatura, é possível construir novos conhecimentos, o que torna o indivíduo um detentor do próprio saber.

**Palavras-chave:** Literatura; Conhecimento; Produção do conhecimento.

### *Discussing literature as a knowledge production tool*


**Abstract:** *This article aims to discuss about literature as a means of producing knowledge, with a view to deepening timeless knowledge, which makes human beings more conscious and critical. Thus, this research is classified as bibliographical, qualitative, theoretically based on studies by Candido (1999; 2006; 2011), Laville and Dionne (1999), Marconi and Lakatos (2003), Compagnon (2009), Lopes (2010), Cadermatori (2012) and others. The research is divided into three main parts, the first of which conceptualized knowledge and its types presented in Marconi and Lakatos (2003). In the second part, reflections on literature within the artistic field and in the construction of knowledge were presented and finally, in the third part, literature was presented as a tool capable of producing knowledge. It was possible to perceive that, through literature, it is possible to build new knowledge, which makes the individual a holder of his own knowledge.*

**Keywords:** *Literature; Knowledge; knowledge production.*

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – PPG-IELT/UEG  ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3263-1344>, e-mail: [enalielijulbo@gmail.com](mailto:enalielijulbo@gmail.com)

<sup>2</sup> Aluna da Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Linguagem e Tecnologia – IELT  ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7671-7743>, e-mail: [prof.elizalandin@gmail.com](mailto:prof.elizalandin@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – PPG-IELT/UEG  ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7448-1001>, e-mail: [tarsio\\_13@hotmail.com](mailto:tarsio_13@hotmail.com).

## *Discutir a literatura como ferramenta de produção de conhecimento*

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo discutir sobre la literatura como medio de producción de conocimiento, con miras a profundizar el conocimiento atemporal, que hace al ser humano más consciente y crítico. Así, esta investigación se clasifica como bibliográfica, cualitativa, basada teóricamente en los estudios de Candido (1999; 2006; 2011), Laville y Dionne (1999), Marconi y Lakatos (2003), Compagnon (2009), Lopes (2010), Cadernatori (2012) y otros. La investigación se divide en tres partes principales, la primera de las cuales conceptualiza el conocimiento y sus tipos presentado en Marconi y Lakatos (2003). En la segunda parte se presentaron reflexiones sobre la literatura dentro del campo artístico y en la construcción del conocimiento y finalmente, en la tercera parte se presentó la literatura como herramienta capaz de producir conocimiento. Se pudo percibir que, a través de la literatura, es posible construir nuevos conocimientos, lo que convierte al individuo en poseedor de su propio saber.

**Palabras-clave:** Literatura; Conocimiento; Producción de conocimiento.

### 1 INTRODUÇÃO

Hodiernamente, quando se fala em literatura, tem-se a ideia inicial que tal conceito remete a um conjunto de obras literárias de grandes autores clássicos cânones, tais como Dante, William Shakespeare, Machado de Assis, entre outros. Contudo, não é tão fácil definir tal termo, haja vista seu aspecto polissêmico.

Não obstante, a literatura, na perspectiva de Candido (2011), está presente em todas as sociedades humanas, manifestando-se desde as crenças, lendas até obras literárias, que chamam a atenção por sua refinada literariedade estética, enquadrando-se no amplo campo da cultura erudita.

Além da proximidade da literatura com a cultura, desde os gregos antigos, nas preposições de Platão e Aristóteles, ela está ligada também à arte. Nesse sentido, tem-se que a literatura é definida como a arte da palavra e da geração de conhecimento, com aptidão para despertar no homem a sua própria humanidade, colocando-o em contato com seus sentimentos e praticando a empatia com o outro.

Dentre as características da literatura, pode-se apontar seu potencial artístico e de divertimento. Por meio da obra literária, os leitores são convidados a desbravar no mundo da criatividade dos autores, a desfrutar da arte da palavra, que encanta e fascina. Esse fascínio diverte, leva prazer, mas ao mesmo tempo também produz conhecimento (HORÁCIO, 2005).

A produção do conhecimento científico, aquela forma de saber objetivo, real, racional, metodologicamente estruturado, valorativo, contingente, geral, verificável e aproximadamente exato (GIL, 2008b; MARCONI; LAKATOS, 2003), a partir da literatura, é questionável, devido à sua proximidade com aquilo que é ficcional e, como arte, pode ser uma imitação da natureza e realidade. Contudo, para além disso, a literatura constitui-se em uma forma de conhecimento superior, que cria realidade e que de forma organizada cria conteúdos com o potencial de ordenar o caos existencial humano (CANDIDO, 2011; IZABEL, 2019).

Tendo em vista a relação entre literatura e conhecimento no âmbito científico, o estudo constitui-se a partir da seguinte problematização: Como a literatura pode ser percebida enquanto ferramenta de produção do conhecimento?

Nesse enquadramento, esta investigação pretende compreender a literatura como ferramenta de produção do conhecimento.

## 2 METODOLOGIA

Para alcançar tal objetivo traçado acima, considerando a abordagem qualitativa, a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, que conforme Gil (2008a), compreende a leitura e a interpretação de material já publicado ou impresso, como livros, documentos, periódicos, artigos e outros.

Para o referencial teórico, recorreu-se a materiais livros publicados, assim como artigos, dissertações e teses disponíveis na plataforma da CAPES. Tais materiais constituirão fontes de pesquisa de estudiosos que contribuíram para essa pesquisa, como Candido (1999, 2006, 2011), Laville e Dionne (1999), Marconi e Lakatos (2003), Compagnon (2009), Lopes (2010) e Cadermatori (2012). Descrever como foi desenvolvido o estudo, de modo a permitir sua replicação. Pode conter informações referente: à abordagem da pesquisa, ao tipo de estudo, ao local em que foi desenvolvida, aos sujeitos que colaboraram, ao instrumento de coleta de dados, à técnica de análise dos dados e aos aspectos éticos.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1 Conhecimento: sentido e tipos

A interação do homem com o mundo ao seu redor é complexa e possibilita a produção e reprodução de conhecimentos. Esses saberes são construídos de inúmeras formas seja pela experiência, seja pela observação ou pela própria ação no meio, contribuindo para a melhoria da vida e da intervenção humana no mundo.

Os conhecimentos apresentam especificidades e, por meio delas, podem ser classificados de distintas maneiras. Isso se deve pela presença dos vários tipos de saberes que perpassam a ação e a vida humana, desde o camponês iletrado até o infectologista que busca a vacina eficaz contra uma doença.

Para França (1994), o homem possui em sua natureza o desejo de busca criar saberes acerca do mundo ao seu redor. Assim, o conhecer para o ser humano configura-se da seguinte forma

Conhecer é uma atividade especificamente humana. Ultrapassa o “dar-se conta de”, e significa a apreensão, a interpretação. Conhecer supõe a presença; um sujeito que suscita sua atenção compreensiva; o uso de instrumentos de compreensão; um trabalho de debruçar-se sobre. (FRANÇA, p.140, 1994).

Sem a capacidade de conhecer, relacionar e correlacionar os saberes do mundo, o ser humano não teria chegado até onde chegou. Contudo, é possível afirmar que o conhecimento não se apresenta de maneira pronta e concluída. Ao contrário disso, o conhecimento não deve ser confundido como se fosse nato do próprio homem, mas ele é adquirido por meio da capacidade de aprendizagem humana, tornando-se um labor constante e diário.

Segundo Evêncio (2019), o conhecimento é responsável pelo desenvolvimento dos aspectos educacionais, culturais, econômicos e políticos, abrindo espaço para que se observe que esse se faz presente em todos os locais em que o ser humano pode perpassar, no entanto a sua demanda exige muito além da dedução, pois exige um esforço durável de observações, reflexões, análises para se descobrir suas possibilidades e utilizá-las na transformação da vida humana.

Nesse mesmo viés, França (1994) destaca que o conhecimento pode produzir modelos de apreensão, sendo algumas ações necessárias para que exista o movimento entre o sujeito, o objeto e a perspectiva de conhecer que sucinta os variados tipos de saberes e de conhecimentos, que leva às inquietações e questionamentos considerados necessários.

Os tipos de conhecimentos são variados, indo de níveis mais simples até os mais complexos. Diante dessa diversidade, vários foram os teóricos que empreenderam categorizar o conhecimento. Tomando a classificação dos tipos de conhecimentos elencados por Marconi e Lakatos (2003), tem-se o conhecimento popular, o conhecimento religioso, o conhecimento filosófico e o conhecimento científico.

O conhecimento popular constitui-se a partir da experiência particulares do sujeito ligadas ao cotidiano, como também as suas emoções e percepções do mundo. Por não seguir uma ordem racional lógica, não possuir uma estrutura sistemática, não postula fórmulas gerais, fato que dificulta sua passagem de pessoa para pessoa. (MARCONI; LAKATOS, 2003). Estes saberes são ligados também ao campo da intuição e a tradição (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Já os saberes oriundos do campo da religião são denominados de conhecimentos religiosos. Tais saberes levam em conta verdades incontestáveis de divindades sobrenaturais para conhecer o mundo e se relacionar com ele. Acerca disso tem-se que

Assim, o conhecimento religioso ou teológico parte do princípio de que as "verdades" tratadas são infalíveis e indiscutíveis, por consistirem em "revelações" da divindade (sobrenatural). A adesão das pessoas passa a ser um ato de fé, pois a visão sistemática do mundo é interpretada como decorrente do ato de um criador divino, cujas evidências não são postas em dúvida nem sequer verificáveis. [...] Se o fundamento do conhecimento científico consiste na evidência dos fatos observados e experimentalmente controlados, e o do conhecimento filosófico e de seus enunciados, na evidência lógica, fazendo com que em ambos os modos de conhecer deve a evidência resultar da pesquisa dos fatos ou da análise dos conteúdos dos enunciados, no caso do conhecimento teológico o fiel não se detém nelas à procura de evidência, pois a toma da causa primeira, ou seja, da revelação divina. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.79).

Diante do exposto acima, pode-se classificar o conhecimento religioso em valorativo, inspiracional, sistemático, não verificável, infalível e exato. Além desses aspetos, tem-se

também sua referência ao saber místico, pautado na fé humana, assim, marcado pela falta de métodos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Ademais, outro tipo de conhecimento é o filosófico. Essa modalidade de saber apoia-se na razão humana como único meio exato de comprovação das verdades do mundo. Assim sendo, o conhecimento filosófico trabalha com hipóteses a partir da experiência, sendo estas estão no campo racional, o que impossibilita sua observação e experimentação.

Nesse véis, Marconi e Lakatos (2003) sintetizam o conhecimento científico como sendo valorativo, racional, sistemático, não verificável, infalível e exato. Ao abordar a importância desse tipo de saber, Laville e Dionne (1999, p.22) destacam que o exercício racional dos filósofos “[...] desempenharam um papel de primeiro plano nessa trajetória, a tal ponto que, durante muito tempo, o saber científico, no Ocidente pelo menos, pareceu se confundir com o filosófico”.

Por último, ao se tratar a respeito de conhecimento, mais especificamente o conhecimento científico, Lakatos e Marconi (2003) explicam que o procedimento científico leva a circunscrever, delimitar, fragmentar e analisar o que se constitui como objeto de pesquisa, atingindo segmentos da realidade, em outras palavras, conhecer de maneira científica se refere a buscar fatos comprovados de maneira real, contingente, sistemático, verificável, falível e aproximadamente exato.

Com exceção deste último tipo, os demais apresentados aqui nessa breve apresentação desenvolvem relações com a literatura, pois ela se constitui como uma via de produção de saberes. Com relação ao conhecimento científico, por este ser obrigatoriamente factual, apresenta-se em polo oposto a literatura, que tem o potencial de criar realidades e ficções.

Assim sendo, pode-se afirmar que o ato de conhecer ocupa espaço na história e na vida humana no mundo. Esta surge do desejo do ser humano de conhecer e se relacionar melhor com o mundo, a natureza e os demais sujeitos ao seu redor.

### 3.2 Esboçando um conceito de literatura

O que é literatura? Essa questão converte-se em problemática, haja vista a complexidade de abordagens e teóricos que esboçaram satisfazer tal indagação. Cientes disso, não pretendemos aqui trazer uma definição fechada, mas apresentar, a partir de alguns autores, o que se pode compreender sobre o sentido de literatura.

Desde os gregos antigos até a atualidade, foram muitos os esforços para conceituar a literatura. Partindo do sentido etimológico dessa palavra tem-se que “[...] o termo deriva do latim *litteratura*, a partir de *littera*, letra. Aparentemente, portanto, o conceito de literatura parece estar implicitamente ligado à palavra escrita ou impressa, à arte de escrever, à erudição” (LOPES, 2010, p. 1, grifos nossos).

A constituição da noção de literatura está estritamente ligada à arte. Esse fato evidencia-se com Platão e Aristóteles na Grécia Antiga, cujo traço diferencial está na sua materialidade e forma estética por meio do uso da palavra (LIMA, 1954). Assim, podemos afirmar inicialmente que a literatura é a arte da palavra, desenvolvida a partir de habilidades de escrever e ler bem.

Historicamente, foi no século XVIII, que os debates sobre a literatura proporcionaram o alargamento de seu sentido. Isso pode ser explicado por que no referido século, ocorreu-se inúmeras mudanças sociais, culturais, políticas e históricas, tais como a formação da opinião pública, o alargamento do público leitor através do acesso da burguesia à esfera cultural, o desenvolvimento da indústria e comércio do livro e a proliferação de instituições que promoveram a leitura (LOPES, 2010).

Nesse enquadramento, segundo Lopes (2010), até o século XVIII, a literatura era definida no âmbito do saber, do conhecimento, das ciências e das artes. Até a segunda metade do século XVIII, houve uma mudança: a ideia de literatura passou a ser articulada com a arte verbal e a um corpus textual, sendo atribuída como sinônimo de prosa, poesia e verbo. Após 1750, passou-se a evidenciar o aspecto estético do texto literário e do uso diferenciado da palavra, o que ajudou a constituir a literatura como uma forma de conhecimento particular, segundo Voltaire.

No século XX, a partir de movimentos de teoria e crítica literária, o olhar para a literatura foi transformado, passando a ser entendida como uma especificidade da linguagem

verbal relacionada com a linguística. Nesse sentido, as principais correntes, segundo Lopes (2010), foram: o Formalismo russo, o New Criticism e a Estilística.

À vista disso, no Formalismo russo, a literatura ou linguagem literária era concebida como uma função específica da linguagem verbal, não como um instrumento, possuindo valor em si mesma. Já a New Criticism, afastava-se da análise literária, focando no texto através da consideração de aspectos sociais ou culturais impregnados nas obras literárias. A Estilística, utilizando de outras áreas da linguística (semiótica, sociolinguística, retórica entre outras), objetiva significar o texto literário por meio da análise das relações internas nele contido (LOPES, 2010).

Por outro lado, mediante o senso comum, a literatura é apontada como uma coleção de obras literárias de autores clássicos como Dante, Machado de Assis entre outros. Essa definição destaca que a literatura apresenta um alto valor estético e bem definido, envolvendo inúmeros gêneros textuais (romances, poesia, contos, fábulas, sermões e outros) seja obra de ficção ou não. Esse alto grau valorativo evidencia o diferencial dessas obras que é seu valor estético (OLHER, 2008).

Para endossar ainda mais essa exposição, a literatura, no campo dos estudos literários e da crítica literária, pode ser definida a partir de diferentes juízos e visões, situadas no tempo e espaço (OLHER, 2008). Isso é possível devido ao que polissemia evidencia na definição do termo em análise.

Considerando Antonio Candido (2011), a literatura é entendida em um sentido amplo e diversificado, presente em todas as sociedades humanas, desde as mais simples até as grandes civilizações, como exposto a seguir

Chamarei de literatura, de maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de sociedade em todas as culturas, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p. 172).

Ainda conforme Candido (2011), a literatura situa-se no campo da ficção, munida de ação criativa do escritor, além de ser impregnada de valores. Assim, a partir do texto literário é possível divulgar ideais e sentimentos para formar consciências, isso revela seu potencial



humanizador, que se processa por meio da elaboração estética de conteúdo, compreendida como relação dialógica com a realidade que dispõem as obras literárias.

Nesse viés, concorda-se com Izabel (2019, p. 122) ao pontuar que “quanto mais esteticamente eficaz, mais humanizadora a literatura”. Esse aspecto humanizador manifesta-se pelo ordenamento do caos interno, proporcionado ao homem, por intermédio da literatura, que do nada cria conteúdo.

Quanto ao consumo de literatura, Candido (2011) destaca que existe níveis, obras literárias mais simples, ligadas à cultura e crenças populares, e as mais complexas, enquadradas na cultura erudita. O acesso às literaturas esteticamente mais complexas é desigual, restrita às camadas privilegiadas socialmente e economicamente.

Diante disso, Candido (2011) defende a democratização do acesso à cultura erudita por meio da literatura, pois só o consumo de obras literárias da cultura popular não é suficiente para a elevação cultural e formação da mentalidade dos sujeitos pertencentes a segmentos sociais mais subalternizados.

Coerente a isso, Calvino (1993) concebe a literatura em seu objetivo humanizador e o caráter ficcional, sem desconsiderar sua função de promotora de cultura e divertimento, ao afirmar que

É certo que a literatura jamais teria existido se uma boa parte dos seres humanos não fosse inclinada a uma forte introversão, a um descontentamento com o mundo tal com o ele é, a um esquecer-se das horas e dos dias fixando o olhar sobre a imobilidade das palavras mudas (CALVINO, 1993, p. 65).

Dessa maneira, Calvino (1993) argumenta que pela introspecção, ao voltar-se para dentro de si por meio do contato com a literatura, o homem é levado ao conhecimento da vida na realização da liberdade e do autoconhecimento, ordenando e sendo remido do caos existencial. Assim sendo, concorda-se com Horácio (2005, p. 65) ao afirmar que a literatura “[...]mistura o útil e o agradável, deleitando e ao mesmo tempo instruindo”.

Outrossim, Linhares Filho (1984) concebe a literatura como meio de defesa da liberdade do homem, está entendida como característica essencial do ser humano. Segundo o autor, “[...] em todos os tempos, a literatura preocupou-se com a liberdade contra a opressão social, contra qualquer forma de sujeição do homem, que o impeça de escolher o seu próprio caminho e decida o seu próprio destino” (LINHARES FILHO, 1984, p. 40).

Esse pensamento também é colocado por Sartre (2003), ao propor que cada obra literária carrega um convite a uma liberdade concreta através de uma aliança particular.

Já Eagleton (2006), parte da noção da dificuldade em definir a literatura, concebendo-a como algo ficcional ou imaginativo. Todavia, não é possível atribuir as obras literárias o valor de totalmente ficcional, pois o livro Gênesis pode ser concebido com valor real para alguns leitores e como ficção para outros.

Ainda segundo o autor em questão, a literatura compreende diversos gêneros e tipologias textuais, à semelhança daquilo apontado por Candido (2011). Sua especificidade se manifesta na literariedade, em seu aspecto estético e na transformação e intensificação da linguagem comum, promovendo um afastamento sistemático da fala do cotidiano. Além disso, as obras literárias são dialógicas, estabelecendo relação com o contexto sócio-histórico em que são produzidos e com seus leitores.

Como diferencial dos demais autores aqui citados, Eagleton (2006) aponta que o critério para atribuição de uma obra como literária está no efeito que tal produção proporciona aos leitores, ou seja, na forma como tal texto é lido e tratado considerando seu aspecto estético na organização dos conteúdos.

Como último teorista citado nessa abordagem, Derrida (2014) amplia o sentido de literatura para o âmbito político. Segundo esse autor, a literatura é uma instituição fictícia que possibilita ao homem poder dizer tudo em totalidade e sem reservas, outorgando para si o princípio revolucionário de liberdade e das sociedades democráticas. Entretanto, corre-se o risco de a literatura, ao buscar dizer tudo, como uma arma política, ser neutralizada pela sua própria dimensão ficcional.

Em suma, são inúmeros os autores que tratam do conceito de literatura, sendo que esta empreitada ainda não está findada. Por meio dos teóricos acima citados, provisoriamente, pode-se conceber a literatura como a arte da palavra, que transita do real para o ficcional, promovendo uma ação humanizadora, libertadora e conscientizadora para a elevação cultural do homem, além de proporcionar conhecimento e prazer.

### 3.3 Literatura e Conhecimento

Literatura que precisa ser alimentada pelos sentimentos, pelo desejo de dizer e ouvir o que não foi dito, de expandir a compreensão e o tamanho do mundo. (COSSON, 2020, p. 30)

A questão da literatura como meio de aprendizado e transmissão de verdades é perene, o que é apropriado para a própria natureza do fenômeno literário, uma vez que o conhecimento (literário) advém de conhecimentos prévios, produzindo quaisquer outros conhecimentos.

Parecer ser inquestionável o poder, a sabedoria e o prazer advindos da literatura. Acrescenta-se ainda a questão do favorecimento intelectual e científico que regressa tempos imemoráveis, de quando a oralidade era usada para transmitir informações de gerações para gerações, como aponta Compagnon (2009, p. 14), ao afirmar que “a literatura é única e própria, sua presença é imediata e seu valor é eterno e universal”.

De acordo Candido (2006), a literatura é um sistema vivo de obras, que age sobre as outras obras e sobre os próprios leitores, não um produto fixo, unívoco, ante qualquer outro público, mas ao contrário disso, manifesta-se de maneira diversa, conforme o momento histórico, permitindo-lhes definir um papel específico, diferente dos demais.

Sobretudo, para Candido (1999), a literatura é uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão, o que significa a elaboração do próprio conhecimento sobre a personalidade e o mundo, com autonomia e significado. Porém, essa autonomia não desliga o indivíduo de suas fontes inspiradoras do real e nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele.

Faz-se necessário lembrar que além dos níveis de conhecimento latente que provém da organização das emoções e da visão de mundo, a literatura também apresenta uma realidade tão política e humanitária, quanto a dos direitos humanos, partindo das análises do universo social e retificando as iniquidades (CANDIDO, 2011), em outras palavras, é possível dizer que a literatura é constituída de um conjunto que possui em seu significado, a capacidade de influir no homem, conhecimento e sentimento.

A literatura se tornou um instrumento poderoso de instrução, educação e produção de conhecimento, sendo ferramenta intelectual, ela confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo ao indivíduo a capacidade de transpor barreiras diárias e

produzir conhecimentos (CANDIDO, 2011), o que possibilita dizer que ela proporciona um equilíbrio social, que a torna um fator indispensável para a humanidade.

No mesmo viés de Candido (2006), Compagnon (2009) acredita que a literatura pode ser fonte de informação e conhecimento que deve ser interpretado e fazer sentido, o que significa que não se trata apenas de assimilar, mas de conhecer. Por meio das suas representações, ela deleita, instrui e liberta o indivíduo das possíveis sujeições das autoridades, tornando-se instrumento de justiça e de tolerância; com a experiência de autonomia, contribui para a responsabilidade do indivíduo.

Cadernatori (2012, p. 50) afirma que a literatura é capaz de tornar audível as mais diferentes vozes, estabelecendo diálogos diversos e inusitados, capazes de acolher a todos e oferecer espaços de liberdade, visto que “ao criar o mundo próprio, a literatura reage ao mundo fora do texto”. Trata-se de uma experiência a ser realizada, um conhecimento a ser reelaborado, a incorporação do outro em mim, sem renunciar a nenhum tipo de identidade.

De acordo com Silva, Guimarães e Alves (2017), o contato com a literatura pode possibilitar ao indivíduo o rompimento das amarras condicionantes e dos pré-conceitos, dado que o indivíduo se vê diante da oportunidade de ressignificar o passado, criando nova visão do mundo e de si mesmo, isto é, a literatura não é apenas uma simples ferramenta utilizada para transmissão simbólica de conhecimento, mas muito mais que isso, configura-se como meio de levar o indivíduo ao processo formativo humano.

Segundo Jouve (2012), a literatura é propulsora em permitir aprofundar nos saberes e nos conhecimentos que tornam as pessoas mais conscientes e críticos, ou seja, ela colabora na elaboração dos conhecimentos e ajuda na constituição de mentes mais disponíveis a aprender, mais sensíveis e criativas, como destacada Cadernatori (2012, p. 42), quando afirma que “A literatura se expressa na contradição, no paradoxo, naquilo que não se deixa traduzir por uma única resposta e por um sentido simples”.

Percebe-se que o processo de aquisição de conhecimento deve ser compreendido e proposto como um desenvolvimento contínuo e, conseqüentemente, a autoconstrução desse conhecimento ocasiona o lançamento de bases sólidas à medida que o indivíduo se apropria do patrimônio, que nesse sentido, seria interpretar o texto literário e fazer com que o leitor utilize seu próprio saber e posteriormente, produza o seu próprio conhecimento.

A obra literária deixa vazios que podem ser preenchidos a partir do conhecimento do leitor e da sua capacidade de completar e refazer o que já foi lido (CADERMATORI, 2012), posto que a experiência da leitura é inacabada, assim como o indivíduo também o é, sendo possível suas vivências inferirem de tal maneira a modificar a experiência com a leitura que produz o conhecimento.

O valor do conhecimento presente no texto literário está naquilo que ele é capaz de exprimir. Contudo, a força de uma obra se encontra no contato que se tem em relação a hábitos de uma determinada época (JOUVE, 2012). Nesse aspecto, o papel dos estudos literários torna-se imprescindível, tendo em vista que estes têm por finalidade identificar conteúdos científicos ou não, expressos de maneira direta ou indireta e trazer informações de tempos remotos com o intuito de realizar nas descobertas de conhecimentos futuros.

Para Machado (2011), toda forma de conhecimento é importante e significativa e não é diferente com o conhecimento produzido pela literatura, que possui sua forma de conhecimento muito particular, em virtude de permitir perceber determinados aspectos sutis da realidade que colabora com a compreensão do mundo. A literatura pode colaborar para inserir o leitor num contexto ampliado e situá-lo como detentor de um patrimônio de conhecimento que transpõe barreiras.

A entrada da literatura em ambientes que produzam conhecimento não acontece de maneira gratuita, pois a condição para isto é que essa passe a ser um meio transformador para obtenção de tal conhecimento, um veículo de pesquisa, cuja base é a geração do novo e significativo conhecimento (DURÃO, 2020). Nesse sentido, a literatura permite falar de ciência em seu contexto. O ideal científico leva a importantes transformações que envolvem trabalho com a literatura e ao mesmo tempo a própria literatura expande a definição de ciência.

A literatura alarga a visão científica em pelo menos dois aspectos objetivos. O primeiro deles, conforme Durão (2020, p. 22) está relacionado à reprodutibilidade, ou seja, as inúmeras formas de se testar determinado experimento e em cada uma destas tentativas, obter resultados diferentes, “de posse de duas leituras diferentes da mesma obra, será mais persuasiva, pois seus argumentos parecem “grudar” mais no texto, conceder-lhe uma inteligibilidade mais reveladora”.

A segunda visão científica da literatura que Durão (2020, p. 22) menciona é a temporalidade que atua diretamente nos estudos literários. Para estes, diferente de outras ciências, como as exatas, o tempo passado é muito significativo e só se torna velho quando é irrelevante e deixa de ser produtivo, em outras “o passado, de um jeito ou de outro, será sempre objeto. Os vetores se cruzam, pois não é apenas o caso de haver elementos de continuidade entre o passado e o presente”.

A literatura amplia as formas de expressão necessárias para a comunicação de ideias científicas. Tanto a literatura quanto a ciência nascem do espanto, da incapacidade humana de explicar determinada inquietação que assola em um contexto (DURÃO, 2020). Usa-se de linguagem e métodos distintos, contudo, sua completude pode ser concebida quando considerada no aspecto pesquisa e não exatamente na questão do porquê, pois de maneira geral, a literatura se preocupa mais com o para quê.

De acordo com Regis (2001), aproximar literatura e conhecimento exige inevitavelmente uma revisão conceitual, tendo em vista que ambas as áreas tem sido consideradas irreconciliáveis no que diz respeito ao saber. A priori, tem-se a visão de que a ciência se dá através de um conjunto de esforço sistemático para ampliar a experiência e desenvolver conceitos que possibilite a sua compreensão.

No que diz respeito a literatura, nota-se um esforço por apontá-la como aquela que se realiza de maneira individual, que conta mais com a questão intuitiva e faz surgir sentimentos de situações humanas (REGIS, 2001), o que significa dizer que a literatura se preocupa mais com resultados subjetivos advindos a partir do sentimento momentâneo do indivíduo, do que com resultados objetivos/comprovados.

Entende-se, portanto, que a literatura ocupa o lugar de subjetividade, da intuição sentimental e da individualidade, enquanto a ciência possui o discurso calcado na aprovação social. Porém, como destaca Regis (2001), a condição atribuída aos dois saberes não é diferente. Pelo contrário, mostra características semelhantes, tendo em vista que a literatura se compromete no esforço de uma significação, oferecendo ao pesquisador científico essa mesma resistência.

De acordo com Silva, Guimarães e Alves (2017), o contato com a literatura pode possibilitar ao indivíduo o rompimento das amarras condicionantes e dos pré-conceitos,

dado que o indivíduo se vê diante da oportunidade de ressignificar o passado, criando nova visão do mundo e de si mesmo.

Sendo assim, é possível compreender a literatura como uma forma superior do conhecimento, que vai muito além da representação de acontecimentos e fatos, uma vez que esta sendo atemporal, é capaz de criar a realidade e abrir incessantemente novos caminhos para a construção do conhecimento, o que significa também o reconhecimento de novos modos de vida, novos pontos de vista e o assentimentos de novas verdades que antes nem mesmo poderiam ser consideradas existentes.

Compreende-se que a literatura constrói conhecimento quando se considera que ela faz ligações com outros conhecimentos já existentes, de modo a permitir ao indivíduo alcançar redes de saberes que preenchem lacunas que necessitam de respostas para a vida cotidiana de cada ser humano, ou seja, a literatura permite criar um repertório de bagagens, com um olhar diferenciado e crítico, cujo indivíduo necessita para atender as necessidades de saber e conhecer.

#### 4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao longo dessa pesquisa, percebeu-se que o conhecimento é uma parte essencialmente da vida humana, uma vez que permeia a cultura, o social, a economia e a política. Sua relevância diz respeito também quanto à melhoria na vida humana e em seu relacionamento com o meio, sem o qual os indivíduos não chegariam até aqui.

O conhecimento apresenta-se em níveis distintos que compreendem desde o saber popular até o saber produzido no âmbito científico. Tomando Marconi e Lakatos (2003) foi possível categorizar as formas de conhecimento, a partir de suas especificidades em conhecimento popular, conhecimento religioso, conhecimento filosófico e conhecimento científico.

O conhecimento científico compreende um saber produzido a partir das ciências. Dessa forma, este saber é sistemático e visa tratar do real, a partir da razão e de procedimentos técnicos e metodológicos. As hipóteses levantadas são testadas quanto sua

veracidade e os resultados obtidos são sempre falíveis e aproximadamente exatas, sendo abetas para outras contribuições e refutações futuras.

Dentro dessa mesma perspectiva, percebe-se também que o conhecimento científico oportuniza a criação de conexões pautadas na racionalizada, questionando verdades que antes eram tidas como insubstituíveis, em outras palavras, permite que o ser humano veja por outros pontos aspectos e tenha novas perspectivas de determinados assuntos, o que gera a construção de saberes que sempre se renovam.

Nesse mesmo viés quando se vincula a literatura ao conhecimento, tem-se na literatura, como aquela que se constitui com uma vasta função social, que carrega valores e fomenta o desenvolvimento humano. Esse aporte, como levantado anteriormente, agrega e favorece o saber aos indivíduos imersos nesses ambientes, ou seja, possibilita tanto o conhecimento individual, quanto o conhecimento coletivo, fazendo-se necessária enquanto a arte da linguagem e como ferramenta de construção de conhecimento.

Quando se articular a literatura ao conhecimento, constata-se que essa oportuniza a construção do saber, pois proporciona a descontinuidade dos condicionantes estabelecidos socialmente e abre espaços marcados constantemente pela atemporalidade.

Por fim, diante de tudo que aqui foi observado, constata-se que a literatura vai além de simplesmente realizar uma leitura ou para momentos de descontração, mas contribui para tornar o homem mais humano e para a construção do seu saber, buscando no passado subsídios para a compreensão de acontecimentos presentes e prevendo o futuro para situações que farão parte de nosso contexto.

## Referências

ALONSO, Leonardo. A LITERATURA NA FORMAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS: UM OLHAR. **Revista Pedagogia Social**, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/154>. Acessado em: 11 jan. 2022.

CADERMATORI, Ligia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.



- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: USP, 1999.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CHAMPGNOS, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.
- DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- EVÊNCIO, Katia Maria de Moura; TEIXEIRA, Shearley Lima; RODRIGUES, Kátissa Galgania Feitosa Coutinho; FEITOSA, Flaviana Araújo; FONTES, Wesley Jonh da Silva. Dos Tipos de Conhecimento às Pesquisas Qualitativas em Educação; Id online. **Rev. Mult. Psic.** v.13, n. 47, p. 440-452, outubro/2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2105>. Acesso: 02 dez. de 2021.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Teoria (s) da comunicação: busca de identidade e de caminhos. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, n. 2, v. 23, 1994. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/76146> . Acesso:11 de jan. de 2022.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Método de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.a
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed . São Paulo: Atlas, 2008.b
- HESSEN, Johnnes. **Teoria do conhecimento**. Martins Fontes. São Paulo. 2000.

HORÁCIO. Arte poética. In: ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética Clássica**. 12<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 53-68.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Ciência e conhecimento científico. In: **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003, p. 75-82.

---

**Recebido em:** 12 de outubro de 2022

**Aceito em:** 13 de outubro de 2022

**Publicado online em:** 13 de outubro de 2022